

reportagem cultural

O homem fala através da música

*João Vicente Ribas

Para a apuração desta reportagem, Gilberto Monteiro fez questão de encontrar a equipe do **Jornal do Comércio** na escadaria da igreja Nossa Senhora das Dores, em Porto Alegre. Durante uma tarde de sábado, deixou-se fotografar e gravar um vídeo, em momento introspectivo.

Antes de conceder entrevista, também ensaiou em meio aos jovens músicos que hoje acompanham-no, e que trocavam comentários sobre o arranjo. Enquanto isso, Gilberto levantava o ouvido para um lado, direcionava o corpo para outro, abria o fole com intensidade para cá, fechava os olhos para lá. Sua única comunicação se dava pelas notas. Não falou uma palavra enquanto tocava.

A seguir, acomodou a gaita numa cadeira e conversou sobre sua maneira de ser. “Eu sou aqui pra ti e eu sou lá no palco, eu sou isso em qualquer lugar. Não chego lá no palco querendo falar bonito, não”, declarou.

Com entusiasmo, contou que o novo single, *Kardache*, surgiu de improviso em meio a uma *live* na



Gilberto Monteiro em Porto Alegre, com Luyra Dutra (esquerda), Gustavo Garoto e Clarissa Ferreira

pandemia: “Na época, a gente ficava muito em casa e eu acabei vendo a série *Ressurreição: Erturul*.” Gilberto se identificou com o enredo por causa de sua descendência turca, de várias gerações atrás. A

série conta a história de Erturul, pai de Osmão I, fundador do Império Otomano.

Motivado por essa composição, em 2023, o produtor Ayrton dos Anjos o convidou para viajar a

Istambul. “Eu toquei lá, fiz homenagem para São Jorge, numa manifestação na Capadócia. Mas não foi nada programado. Meu sonho é voltar, porque eu me apaixonei pela Turquia”, revela.

Encontro de gerações

Desde a primeira vez que ouviu falar de Gilberto Monteiro, o músico Gustavo Garoto percebeu que era um personagem icônico. Enquanto participava do festival da Moenda, viu um disco dele numa parede e os músicos Zelito Ramos e Leandrinho Rodrigues fizeram uma introdução. Disseram que era um instrumentista fantástico, bastante exigente, e que havia diversas lendas que permeiam o personagem. “Conheci a música dele já com essa magia toda em torno dela”, conta.

Pouco tempo depois, o produtor Leonardo Gadea fez uma ponte para que se conhecessem. “A gente se encontrou numa praça de alimentação, na Cidade Baixa, e ele apareceu todo generoso, sensível, atencioso, gigantesco”, lembra.

Logo após, Garoto convidou-o para tocar na Guarda do Embaú, onde vive. Entre idas e vindas, nasceu uma parceria inter-geracional.

“Eu chamo ele de mestre de cultura popular, como há em outras regiões do Brasil. Uma pessoa que aprendeu com o pai a tocar com os dedos de uma maneira diferente do que talvez seja convencionado, e construiu uma obra de composições muito icônicas nessa paisagem do Rio Grande do Sul, do interior de Santiago, presente na Bacia do Prata toda”, avalia.

Garoto ressalta a sensibilidade e o poder de síntese das composições de Gilberto. “Bastante refinada, calcada no folclore, num imaginário de conexão com a terra”, conclui.



Monteiro em frente à mesquita de Santa Sofia, em Istambul, Turquia (2023)

Parceria com Lucio Yanel e Jayme Caetano Braun

Junto ao violonista argentino Lucio Yanel, formou dupla durante anos. “Conheci Gilberto em 1982, na casa de Algacir Costa, em Passo Fundo. Fomos empáticos um com o outro. Aos poucos, de maneira natural, começamos a tocar juntos”, recorda Yanel. Mesmo com uma trajetória extensa, não chegaram a

gravar um disco para formalizar a união artística. “A nossa caminhada juntos é longa e benéfica nos quatro costados”, declara.

O parceiro de Corrientes, que veio para o Rio Grande do Sul e se tornou um dos principais nomes do violão pampeano, considera o “toque” de Gilberto Monteiro

“uma caixa de ressonância de um sem fim de sentimentos que se aninham num virtuoso da estirpe dele”.

Lucio Yanel orgulha-se das apresentações com Gilberto acompanhando o pajador Jayme Caetano Braun, como uma confluência de grandes artistas. Há um vídeo

no site oficial do gaiteiro, com o trio se apresentando em Pelotas, em que o poeta declama: “Missioneiro como eu/ É a glória do nosso pago/ Ele na verdade é um mago/ Parece que não tem dona/ Nem tampouco se emociona/ Porque enfrenta o desafio/ E nestas noites de frio/ Dorme dentro da cordeona”.

A milonga mais tocada

Renato Borghetti rememora a convivência no CTG 35, quando Gilberto Monteiro estava sempre na volta. Então já conhecia *Milonga para as Missões* antes de decidir gravá-la, mas precisou aprender a tocá-la. “Naquela época, era tudo de ouvido”, pontua. Contudo, teve uma facilidade, pois além de contar com a ajuda do autor, havia aquela primeira gravação, do disco do programa *Fogo de Chão*, em que Gilberto utilizou uma gaita emprestada de Borghetti.

O restante da história é conhecido. Após o sucesso de vendas do disco *Gaita Ponto* (Som Livre, 1984), *Milonga para as Missões* até hoje é o carro-chefe dos shows de Renato Borghetti. “Para mim é um prazer, é uma honra. Eu fico muito feliz com isso, porque de repente tu crias um tema, tu serves de ponte para criar uma onda musical”, afirma Gilberto.

Já Borghetti comenta que é muito difícil prever qual composição irá cair no gosto do público. “Tem algumas músicas que têm algo especial, mas não dá pra saber o porquê. Têm um algo a mais, mas nenhum estudo comprova porque isso aconteceu.”

Um indicativo da força das composições de Gilberto surge no projeto Fábrica de Gaiteiros, do qual Borghetti participa e onde ensinam música a crianças de 7 a 15 anos, em 25 unidades do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Uruguai. “O nosso ensino não é direcionado para elas serem profissionais. Podem vir a ser, mas o trabalho é muito mais voltado pra formação da cidadania. Então elas são livres pra escolher o repertório e muitas escolhem *Prelúdio de um beija-flor, Prati guria*, entre outras do Gilberto Monteiro”, conclui.

Apesar da forte ligação, a única vez que os dois gaiteiros tocaram juntos foi no Santander Cultural, em 2004. Ensaíram duas vezes e definiram o repertório, junto ao violonista Marcelo Caminha, promovendo um encontro inédito, cheio de improvisações e que nunca se repetiu.